

Diálogos pedagógicos sobre liderança feminina negra: entre o terreiro e a escola

Pedagogical dialogues on black female leadership: between the *terreiro* and school

Ellen Aniszewski¹

Rosângela Malachias²

Resumo:

O presente ensaio apresenta aspectos de uma liderança feminina negra, historiadora e mãe de santo Ilka Valéria dos Santos. Metodologicamente, optou-se pela análise do autorrelato identificando aproximações e distanciamentos do papel da liderança no ambiente escolar e religioso incorporando as interfaces dos campos da Educação, da Comunicação, Cultura e Advocacy. As escolhas da entrevistada favorecem a compreensão sobre o exercício da liderança em instâncias paradoxais, mas culturalmente relevantes para o estabelecimento das tessituras sociais. Ressalta-se a convivência de experiências que demandam práticas educativas em sua concepção crítica, em tempos de intolerância recorrente contra religiões de matriz africana em diferentes municípios do Rio de Janeiro. Conclui-se que a identificação da liderança feminina negra, para além do ambiente religioso e principalmente no ambiente escolar constitui-se no reconhecimento da experiência de vida de mulheres negras, como exercício de ruptura com os estereótipos racistas, que as desumanizam reduzindo-as à objetificação e/ou à invisibilidade.

Palavras-chave: Mulheres negras. Liderança. Educação. Terreiro.

Abstract:

This essay presents aspects of a black female leadership, historian and mother of saint (priestess) Ilka Valéria dos Santos. Methodologically, we chose to analyze the self-report, identifying approaches and distances from the role of leadership in school and religious environment, incorporating the interfaces of the fields Education, Communication, Culture and Advocacy. The interviewee's choices lead to an understanding about the exercise of leadership in paradoxical instances, but culturally relevant for the establishment of social fabric. It is worthy to mention the coexistence of experiences that demand educational practices in their critical conception, in times of recurrent intolerance against religions of African origin in different cities in Rio de Janeiro. It is concluded that the identification of black female leadership, in addition to the religious environment and mainly in the school environment, constitutes the recognition of the life experience of black women, as an exercise in breaking with racist stereotypes, which dehumanize them by reducing them to objectification and /or invisibility.

Keywords: Black women. Leadership. Education. *Terreiro*.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Educação na UFRRJ. Mestre em Educação pela UFRRJ. Graduada em Licenciatura plena em Educação Física pela UFRJ. Professora pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Educação Física e do Esporte no Departamento de Educação Física da UFRRJ. Professora especialista em Musculação e Treinamento de Força pela Universidade Gama Filho.

² Professora adjunta da UERJ-FEBF no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Pós-doutorado realizado na Cátedra UNESCO na Universidade Metodista de São Paulo. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre em Integração da América Latina pelo PROLAM/USP.

Esse texto surgiu a partir das reflexões provocadas pelas leituras propostas na disciplina *Tópico Especial – Interfaces Educomunicativas: Mulheres Líderes nos Contextos Local e Global*³ do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cursada no segundo semestre de 2019. A disciplina decorre do projeto de pesquisa *Diálogos Pedagógicos Internacionais e de Advocacy - Mulheres Líderes em Educação entre o local e o global*, que instiga as/os estudantes da Graduação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) a acessarem e produzirem conhecimento dialógico resultante de entrevistas com mulheres educadoras brasileiras e/ou de outros países.

A escuta de experiências profissionais é um dos passos necessários para a realização dos Diálogos Pedagógicos como caminho para a identificação e reconhecimento de mulheres líderes em educação. Porém, a comparação entre sistemas educativos, embora possa ocorrer, não se configura como objetivo. Visamos, sim, a aproximação de narrativas pessoais vivenciadas em realidades socioculturais diferentes e, nas quais as relações sociais e os âmbitos político e cultural são considerados imprescindíveis para a reflexão pedagógica sobre práticas que ocorrem no cotidiano da escola, universidade e organizações educativas.

Ao nosso ver, a consciência individual na pesquisa busca a isenção e um distanciamento, que paradoxalmente omite ou sub-representa as “atitudes” – expressas na capacidade (ou incapacidade) – da educadora e mãe de santo Ilka Valéria dos Santos (entrevistada), combater os estereótipos e as desigualdades presentes no âmbito profissional e/ou pessoal/privado (família, religião). A busca pela transformação e justiça social intercontinental do coletivo das mulheres é efetivamente uma atitude legítima, mas pode propiciar o silenciamento e/ou a naturalização de eventos transcorridos na esfera pessoal, que ratificam as desigualdades. Este percurso tem ampliado o nosso entendimento sobre identidades de educadoras que, em diferentes contextos definem o conceito de liderança com significados próprios, sob a perspectiva educacional e da justiça social como direito a ser exercitado.

Em artigo anterior, Malachias (2018) descreveu o processo organizativo da 6th *Women Leading Education* (2017), que no Brasil foi chamada Mulheres Líderes em Educação. O evento internacional ocorre bianualmente, desde 2007, em diferentes países com o intuito de

³ Disciplina elaborada pela Profa. Dra. Rosangela Malachias – UERJ-FEBF e UFRRJ.

problematizar o conceito de liderança das mulheres na educação, o status que ocupam, desafios e conquistas para o acesso à justiça social. A UERJ de Duque de Caxias, Baixada Fluminense e instituições públicas locais abrigaram a sexta edição do evento, que recebeu pesquisadoras de 12 países e de diferentes estados brasileiros. A produção científica local, ou seja, vinculada ao projeto Diálogos Pedagógicos deu visibilidade às mulheres da Baixada Fluminense e município do Rio de Janeiro, com histórias de vida dedicadas a práticas educativas - formais e não formais sobre: produção audiovisual em cineclubes; uso do *YouTube* como ferramenta educacional; engajamento político com candidaturas a cargos eletivos; coordenação de projetos sociais direcionados à promoção da cidadania e combate ao racismo. No âmbito nacional foram compartilhadas pesquisas realizadas no Mato Grosso refletindo a interculturalidade e saberes de mulheres quilombolas e indígenas; de São Paulo apresentando a mobilização de mulheres e a paulatina inserção da temática étnico-racial nas pautas debatidas; da Bahia a articulação entre educação e as artes cênicas... além de outras narrativas nacionais e internacionais (MALACHIAS, 2018, p.19-21). Os Diálogos Pedagógicos iniciados em 2015 continuam. As entrevistas e análises realizadas até o ano 2017 fecharam um ciclo (acima descrito), porém, na dinâmica do tempo, novos trabalhos surgiram e foram apresentados em 2019, na *University of Nottingham*⁴.

A menção coletiva dos trabalhos no artigo de Malachias (2018) contribuiu para o crescimento do interesse sobre o tema, porém não propiciou uma compreensão aprofundada de cada história, o que objetivamos agora, ao eleger depoimento de uma personagem específica, identificada por seu nome próprio. Esta conduta destoa da adotada por Silva & Euclides (2018) que, ao entrevistarem professoras doutoras negras vinculadas à universidades públicas, optaram pelo uso de pseudônimos “expressivos” inspirados em mulheres negras que “na historiografia brasileira se tornaram símbolo de luta e resistência” (SILVA & EUCLIDES, 2018, p.53).

Apesar de contribuírem para o (re)conhecimento de mulheres negras, heroínas da história brasileira e simultaneamente narrarem as entrevistas das educadoras estudadas, Silva & Euclides (2018) nos inspiraram a agir diferente e ver, em Ilka, essa duplicidade, ou melhor, multiplicidade de papéis. Aqui, a identificação da entrevistada pelo seu próprio nome explicita a busca por coerência entre o seu histórico pessoal – líder religiosa, neta e filha de Mães de Santo, que aprendeu com a tradição oral das suas mais velhas – e o histórico

⁴ 7th WLE Women Leading Conference across the Continents - 2019, 6-11 July University of Nottingham, UK. Pesquisas sobre Mulheres Negras Surdas (Laudino); Produção Audiovisual de Jovens Negras Cineastas (Balbino); Da Baixada Fluminense para o Mundo (Malachias) - encontram-se no prelo para publicação internacional.

profissional de educadora, gestora, poetisa, cujas ações precisam ser registradas, impressas e identificadas na escola, como um legado protegido do apagamento estrategicamente imposto pelo racismo institucional, nas sociedades que vivenciaram processos colonizatórios.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

A escolha de Ilka Valéria como personagem da pesquisa ocorreu após a leitura de textos sobre mulheres líderes em educação em diferentes países. O convívio profissional com Ilka fez Aniszewski identificá-la como liderança feminina negra pelo seu histórico empreendedor na escola e pelo reconhecimento comunitário alusivo ao seu papel de líder religiosa. A proximidade profissional com a possível entrevistada favoreceu um primeiro contato por aplicativo de mensagens (*whatsapp*) explicando a disciplina e a pesquisa. Dessa forma foi elaborada uma entrevista semiestruturada. Dada a habilidade poética e redacional da entrevistada, as respostas foram por escrito, enviadas por *e-mail* juntamente com o termo de consentimento devidamente assinado. Para Kozintez (2014, p.132), “na pesquisa netnográfica ética quatro passos são importantes: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e dar o devido crédito aos membros”. As respostas foram detalhadas e a entrevistada questionou sobre a possibilidade de criar um poema específico sobre liderança, no qual acreditava ser complementar às perguntas. Esta opção metodológica garantiu que a entrevistada contasse sua própria história e não fosse simplesmente objeto de estudo (EVARISTO, 2005; XAVIER, 2019).

A opção pela transdisciplinaridade (D’AMBRÓSIO, 2001; SANTOS, 2001) da pesquisa apresentada pela Interface Educação, Comunicação, Cultura e Advocacy (MALACHIAS, 2019) decorre das ações da personagem entrevistada, abaixo identificada. Trata-se de uma mulher negra, líder religiosa, que fez do acesso à Educação uma possibilidade libertadora, para si e para os outros. A Comunicação atua como campo evocador e mediador de discursos educativos. O *Advocacy* sistematiza pedagogicamente a tomada de posse do conhecimento político-legislativo do sistema educacional público. A Cultura encampa transversal, dialética e ancestralmente a produção escrita poética dessa mulher – mediadora do Axé (força vital) e gestora educacional.

Portanto, a pluralidade metodológica responde às múltiplas interfaces de uma vida – a de Ilka Valéria Oliveira dos Santos, Nilopolitana, historiadora formada em 1984 pela Universidade Gama Filho, professora aposentada da prefeitura municipal do Rio de Janeiro, diretora de escola, mãe de santo, poetisa. Uma mulher líder.

Dando sentido à perspectiva interseccional de classe, raça/etnia e gênero (CRENSHAW, 2002), as coautoras desse texto apresentam-se etnicamente: Aniszewski (pesquisadora/entrevistadora) é mulher branca. Santos (entrevistada) e Malachias (docente coordenadora da pesquisa Mulheres Líderes) são mulheres negras. A disciplina e, por conseguinte, a pesquisa pontuaram questões históricas que evidenciam as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros no Brasil apresentando dados comprobatórios da necessidade da adoção de pontos de vista interseccionais, porque a despeito do sexismo também atingir as mulheres brancas, “a taxa de homicídios de mulheres não negras diminuiu 7,4%, entre 2005 e 2015”, enquanto “o indicador equivalente para as mulheres negras aumentou 22,0%” (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2017, p.56).

Enaltecer a importância da liderança negra, para além do ambiente religioso e principalmente no ambiente escolar constitui uma possibilidade de legitimar a problematização sobre questões étnico-raciais e ampliar o debate sobre a responsabilização de todas as pessoas acerca dessa questão, numa sociedade que insiste na tentativa de esvaziamento atribuindo a conotação de “mimimi” (MALACHIAS, 2019) a tudo que exige o reconhecimento de privilégios e a necessidade iminente de mudança de atitudes.

A consciência dos privilégios que a branquitude propicia foi considerada na redação da entrevista e a opção descritiva e reflexiva oscilou entre a necessária impessoalidade acadêmica e a pessoalidade proveniente dos laços de amizade entre a Aniszewski, pesquisadora e Santos, protagonista do ensaio, inspirada livremente na obra de Bairros (1998) ao lembrar a vida e obra de Lélia Gonzalez, cuja produção teórica (e ativista) foi pioneira dos estudos sobre feminismo negro. Gonzalez ultrapassou fronteiras e problematizou de forma inédita a *Amefricanidade*, neologismo que aproxima os continentes americano e africano pela história dos seus povos milenares, que se encontraram no processo colonizatório.

Novamente, a interseccionalidade surge para lembrar que a historiadora Luiza Bairros (1953-2016) também era uma mulher negra, cuja vida transitou entre o ativismo político do movimento social negro, a produção teórica na *University of Michigan* e posteriormente a ocupação de cargo governamental, ministra-chefe da extinta SEPPIR – Secretaria de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial.

Sara Lightfoot (2005), catedrática afro-americana da Harvard estuda educadoras(es) nos Estados Unidos priorizando análise de suas práticas por intermédio de *portraits* (portraits) unindo a teoria do campo pedagógico às artes, literatura.

Lorri Santamaria (2014) ao justificar a relevância das histórias vivenciadas por mulheres negras e da interseccionalidade como método salienta as contribuições que os caminhos profissionais e artísticos das *women of color*⁵ (mulheres de cor) propiciam no campo da pesquisa.

No Brasil, os textos da escritora Conceição Evaristo têm sido recorrentes para narrar o que autora chama de “escrevivências” (EVARISTO, 2005), que dão sentido às categorias elaboradas pela socióloga afroamericana Patrícia Hills Collins sobre a escrita – leia-se produção de conhecimento e/ou teoria social das mulheres negras - *self-definition* (autodefinição) *self-assessment* (autoavaliação) (COLLINS, 2016).

Neste sentido, seria legítimo a uma mulher branca falar sobre uma mulher negra?

Sim, pois a escuta atendeu o alerta de Giovana Xavier (2019) para que as mulheres negras não sejam objeto de estudo e, sim, contem a sua própria história. A interpretação equivocada do conceito “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019) como interdito a pessoas brancas interessadas em argumentar sobre temas inerentes à realidade vivenciada por pessoas negras ou de homens (brancos ou não) comentarem sobre questões feministas têm gerado desconforto social nos espaços acadêmicos. Entretanto, não se pode recusar a possibilidade da análise interpretativa de uma pessoa branca - que desconhece e/ou desconsidera a branquitude como condição privilegiada numa sociedade estruturada pelo racismo - resultar em equívocos e até mesmo perpetuar estereótipos. Por isso, o ponto de vista da entrevistadora respeitou as diretrizes reflexivas da disciplina que deu origem à pesquisa, com leituras prévias, debates conceituais e aprendizado sobre a necessária interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), sem interferências e hierarquia, na escuta e leitura da fala/escrita da entrevistada, uma mulher negra.

O autorrelato de Ilka Valéria Oliveira dos Santos sobre o seu papel de liderança no terreiro de Candomblé da família e em sua trajetória profissional como professora e diretora de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro implica “uma ruptura com modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do senso comum, do bom senso vulgar e do bom senso científico (tudo o que a atitude positivista dominante honra e reconhece)” (BOURDIEU, 1989, p.49).

⁵ Nos anos setenta, nos Estados Unidos, as mulheres não brancas (negras, latinas, chicanas, asiáticas) se uniram no movimento WoC para denunciar a violência, racismo e discriminação que vivenciavam propiciando uma cisão no movimento de mulheres liderado por brancas.

Um exemplo dessa ruptura foi a trajetória da “mestra dos saberes”⁶, Makota Valdina (1943-2019), líder religiosa e comunitária, professora, cuja vida foi dedicada à produção de conhecimento e enfrentamento à intolerância contra as religiões de matriz africana.

A partir de minha entrada no Candomblé, empunhei uma bandeira. Entendi que deveria começar a ser uma voz do Candomblé. Havia muitos antropólogos, etnólogos e acadêmicos que nos estudavam. Naquela época, começava a sentir que não queria ser objeto de estudo. Nós tínhamos que ser objetos de nós mesmos. Saber se nós queríamos divulgar as informações, as coisas para fora ou se queríamos guardar tudo aquilo entre nós. (VALDINA, 2005, p.79)

A vivência familiar e o exercício do comando dentro do terreiro de candomblé ressignifica o sofrimento das mulheres negras ancestrais e dialeticamente se materializa na escola - espaço laico - pela propagação de conhecimento curricular sobre a história e cultura afro-brasileiras.

Assim, Aniszewski propõe a reflexão sobre o papel educador da liderança feminina tanto nos espaços da escola, quanto para além do ambiente escolar, visto que a personagem da pesquisa qualitativa também lidera um espaço sagrado, religioso. Cabe ressaltar que a análise do autorrelato de Souza (Ilka) é feita a partir das reflexões sobre a importância de enaltecer o legado da liderança de uma mulher negra, professora, poetisa e mãe de santo. Legado esse que contempla o estímulo à leitura e, principalmente, escrita de uma população menos favorecida, em um cenário ocupado majoritariamente pela cultura hegemônica. Nesse sentido, Evaristo (2005) relata a necessidade de rompimento com a passividade da leitura e a importância do movimento da escrita.

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo (EVARISTO, 2005 em depoimento na web).

A escrita de Ilka transcende os muros da escola e mostra-nos a sua auto-inscrição numa sociedade que nem sempre valoriza os saberes ancestrais. Ainda assim, as suas narrativas são potentes pela aquisição do sentido de insubordinação ao que tem sido posto há séculos, ou seja, a exclusão das mulheres negras. Como em Evaristo (2005), a escrita transcende o essencialismo redutor e incapaz de compreender as diferenças, para assumir a dinamicidade histórica da vida.

⁶ Título concedido pela Prefeitura de Salvador, Bahia, em 2005. A líder religiosa foi tema do vídeo-documentário de Joyce Rodrigues intitulado “Makota Valdina: Um jeito negro de ser e viver”.

1. IDENTIFICANDO A MULHER LÍDER, PROTAGONISTA DO ENSAIO

Conheci⁷ Ilka Valéria em 2011, quando fui atuar na Escola Municipal Antenor Nascentes escola da rede municipal do Rio de Janeiro, situada em Anchieta, bairro da zona norte carioca. Na época, ela era a professora responsável pela sala de leitura daquela unidade de ensino (U.E.) e desenvolvia um trabalho diferenciado, incluindo a participação em seleções de textos e poesias escritas pelos alunos e pela própria Ilka, que culminavam em premiações constantes.

O primeiro contato direto desta autora com a entrevistada Ilka aconteceu quando a professora com quem eu trabalhava diretamente na oficina de dança, me informou que os *releases*⁸ das coreografias eram tradicionalmente redigidos pela Ilka, e que eu não me preocupasse (leia-se atrevesse) em escrever tal texto. Após alguns anos de atuação na mesma escola, a admiração nos aproximou, e fez com que culminasse na minha participação em encontros de cunho religioso, que aconteciam em sua casa.

O seu trabalho naquele espaço escolar foi tão significativo que mais tarde, em 2014, Ilka foi nomeada Patrona da sala de leitura, que recebeu o seu nome como homenagem - em vida - aos serviços prestados ao longo de 35 anos de atuação no magistério. Em 2019, a sala de leitura Ilka Valéria Oliveira dos Santos se tornou sala de leitura pólo, tendo a função de representar as demais salas de leitura daquela Coordenadoria Regional, promover formação continuada e multiplicar informações da Secretaria Municipal de Educação, no que diz respeito aos projetos desenvolvidos naquele ambiente.

Eu ainda não conhecia a trajetória da professora Ilka, o seu caminho dentro do magistério, o seu trabalho naquela U.E. como professora e diretora e tão pouco sabia sobre o seu papel enquanto líder religiosa. Isso me faria admirá-la ainda mais.

Ilka Valéria foi escolhida para esse ensaio também porque se enquadra na tradição feminina relatada e embasada por Jaqueline Sant'Ana Martins dos Santos (2018) nos terreiros, em que “as mulheres são responsáveis pela tradição e pela ortodoxia religiosa do candomblé, e é justamente daí que elas extraem reconhecimento, respeito e prestígio, ainda que inseridas em uma realidade opressora” (SANTOS, 2018, p.7).

Essa predominância feminina na liderança do Candomblé foi antropologicamente revelada por Ruth Landes, no final da década de trinta, era Vargas. A pesquisadora norte-americana pretendia inicialmente comparar as relações étnico-raciais dos Estados Unidos

⁷ Relato de Ellen Aniszewski.

⁸ Nesse contexto, se refere ao resumo do processo de criação dos trabalhos coreográficos a partir de um tema gerador alinhado ao projeto político pedagógico da escola.

e do Brasil. Mas, ao viajar para Salvador, Bahia, a antropóloga Landes contou com o apoio do jornalista e intelectual negro Edison Carneiro, que a levou aos terreiros da cidade, onde as Yalorixás (mães de santo) reinavam. O trabalho de campo foi observado pela polícia política de Getúlio Vargas. Landes precisou deixar a Bahia. Visitou terreiros no Rio de Janeiro e retornou aos Estados Unidos. Somente em 1947, nove anos depois da sua visita ao Brasil, publica *Cidade das Mulheres*, seu diário antropológico (texto com perspectivas pessoais e abordagens inusitadas para a época por apresentar temas como raça, gênero e sexualidade), que se tornou um clássico nos estudos de religiões de matriz africana no Brasil.

Ilka explica a presença feminina nos terreiros em seu relato, afirmando que “é quase uma redundância no mundo do Candomblé. A mulher tem papel fundamental na hierarquia da casa de santo. Ela dirige, organiza, conduz as cerimônias e toma decisões para o bom funcionamento e harmonia da casa de Axé” (RELATO – L.71-74).

2. UMA CRIAÇÃO VOLTADA PARA A LIDERANÇA

Nessa parte do ensaio, abordo a criação familiar da Ilka, a partir da análise do seu relato em que pôde-se perceber uma preocupação com a manutenção da liderança religiosa. Como desdobramento dessa formação, com ênfase em algumas características específicas, proponho uma reflexão acerca da sua criação familiar e a possível influência na formação de líderes, decorrente do estímulo de determinadas características relacionadas com o conceito e ou compreensão de liderança.

A tradição na formação de mulheres líderes é uma característica marcante da família da Ilka, que demonstra em seu relato, uma criação voltada para a manutenção da liderança religiosa, iniciada por sua avó, o que pode ser observado no excerto abaixo.

Nasci em um lar que era uma Casa de Candomblé. Minha avó, também Ilka, era a mãe de santo. Doce e rígida, era a mãe de minha mãe, sua assessora nos assuntos da espiritualidade. Sem muito estudo, mas muito inteligente construiu com esmero cada quarto de Orixá e nos ensinou a obediência aos desígnios de Olorum (Deus). A liderança forte era sua marca. Jamais era questionada em suas decisões e era a sensatez e a generosidade em pessoa. Procurava ser justa com todos, mas se alguém cometesse erros era capaz de brigar feio. (RELATO – L. 34-40)

Seguindo a tradição, a liderança do terreiro foi passada para a mãe de Ilka, que embora possua características semelhantes à antecessora, sugeriu a inclusão de novos adjetivos.

Minha mãe assumiu a liderança da casa de Axé quando minha avó adoeceu e ainda mantém seus ensinamentos e a rigidez. Mais direta e extremamente sincera, exerce uma liderança que se impõe pelos resultados positivos de sua atuação impecavelmente honesta. Como fui criada por essas mulheres fortes, líderes

respeitadas pela comunidade religiosa, aprendi desde cedo que líderes são pessoas que se doam mais do que os outros para manter a comunidade dentro dos preceitos religiosos (RELATO – L. 40-46)

As líderes da família apresentam características comportamentais historicamente imputadas ao homem, como rigidez e força. No entanto, percebe-se a inserção de características historicamente consideradas femininas, como a doçura e a capacidade de mediar conflitos. A literatura sobre mercado de trabalho e os modelos de organização (SILVA; MILITÃO; GRANGEIRO, 2019) relata que o preconceito e a discriminação contra as mulheres, que exercem cargos historicamente destinados à figura masculina, permanece e se materializa na necessidade de doação extrema ao cargo de liderança, de maneira a comprometer a vida pessoal, familiar.

No entanto, a liderança religiosa das matriarcas de Ilka – avó e mãe – configuram um estilo capaz de unir características essenciais e políticas para o seu exercício e sucesso, como sensatez, generosidade, sinceridade, honestidade, doação e rigidez. Em um verso Ilka Santos sintetiza essa liderança como a capacidade de “desprezar os medos para vencer os desafios” ilustrado pela Figura 1.

**Não há liderança
Sem a legitimidade dos liderados
Não há liderança sem fazer parte
Sem confundir-se com todos
Sem entregar-se à luta com as mãos limpas
e a sensibilidade disponível
Há que fazer parte, de peito em flor
Agregando e amparando
Ouvindo e consolando
Acolhendo no abraço de palavras
Que aconselham e recriam a esperança
Liderar é a parte que se mantém resiliente
Que desnuda a fé com sabedoria
E incentiva a reinvenção da força interior
O líder é a parte a quem não cabe indiferença
Que se solidariza com a dor e com o sonho
Que desdobra-se para segurar sua
mão no caminho incerto
Sem fugir dos tempos sombrios,
Transpõe fronteiras e esquece-se que é finito
Liderar é ser luz, ponto de equilíbrio
Que faz o frágil enfrentar o seu destino
Que faz o forte ter o momento de alívio
Ciente de que somos partes que se completam
Líder é quem se arma com a resistência em meio ao fogo do conflito
Líder é quem despreza os medos para vencer os desafios.**

**Ilka Valéria
(Janeiro de 2020)**

Figura 1. Liderança em poesia por Ilka Valéria

A complexidade da definição de liderança expressa no poema, reúne características como legitimidade, sensibilidade, resiliência, sabedoria entre outras que compõem, a partir da perspectiva da entrevistada, o cenário ideal para o reconhecimento de uma líder. No entanto, todas as características são precedidas pelo sentimento de pertencimento ao grupo liderado.

3. A LIDERANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

Embora a formação de Ilka Valéria tenha se dado em um ambiente sagrado, a sua experiência profissional proporcionou-lhe a assunção de cargos de liderança no ambiente escolar, antes do religioso. Este fato possibilita uma perspectiva ímpar de análise sobre como as características relacionadas à liderança “entram em ação” de diferentes formas, de acordo com o contexto, mas parecem convergir no que diz respeito à influência sobre os sujeitos.

Agora que estou assumindo o meu papel de líder dentro desta "trilogia familiar" percebo que muito do que aprendi em mais de 30 anos de vida no cotidiano escolar, me ajudam nas relações interpessoais dentro da comunidade de terreiro. A convivência no espaço de terreiro é como uma família imensa. A maternidade/liderança no sentido de educar para conviver com as diferentes personalidades e origens, precisa ser intensa. (RELATO – L. 47-51)

A criação voltada para exercício da liderança no ambiente religioso, parece ter constituído características de personalidade, que lhe atenderam nas funções que exerceu no ambiente escolar.

Minha trajetória foi marcada por ser aberta aos desafios. Fui diretora da escola Antenor Nascentes, ajudei a implantar o Projeto Educação pelo Trabalho nesta mesma unidade, lutei para a construção do prédio que pertenceu a esse projeto e que hoje abriga o Núcleo de Artes Grande Otelo. Atuei junto ao Conselho Escola Comunidade nos níveis local, regional e central, todos por eleição e, também voluntariamente, fui membro do Conselho do FUNDEB, segmento professor e cheguei a ser presidente do mesmo. Lá, deixei um legado de respeito, espaço e condições para a atuação dos voluntários na fiscalização de verbas junto às escolas. Paralelamente, tive um programa de rádio que, posteriormente me rendeu a profissão de jornalista pelo Ministério do Trabalho. (RELATO - L. 8-16)

A liderança educacional das mulheres de terreiro – Makota Valdina e Ilka Santos – pode ser aproximada, apesar da temporalidade distinta. Nos anos sessenta, ainda quando estudava para ser professora na Bahia, Makota Valdina fundou o primeiro curso de alfabetização para adultos afirmando décadas mais tarde ter “consciência que aprendi a fazer política – não partidária” pois a intenção era auxiliar as pessoas a redigirem “requerimentos” para a reivindicação de direitos (VALDINA, 2005, p. 78).

As atribuições de ambas líderes remetem aos procedimentos de *advocacy*, pois aliam o uso legislativo, gestão participativa e a compreensão da comunicação como campo inerente às práticas educacionais. O conceito de *advocacy* contempla:

“iniciativas de incidência ou pressão política, de promoção e defesa de uma causa e/ou interesse, e de articulações mobilizadas por organizações da sociedade civil com o objetivo de dar maior visibilidade a determinadas temáticas ou questões no debate público e influenciar políticas visando à transformação da sociedade.” (LIBARDONI, 2000, p.02)

Criativamente Ilka Santos apropria-se da literatura compartilhando-a com estudantes e colegas docentes, ressignificando a cultura da escrita dentro do espaço escolar.

A Educação de Jovens e Adultos também fez parte de minha trajetória [...] promovi projetos de valorização dos alunos, resultando em dois livros escritos por eles. Uma dessas produções chamou a atenção por ser o único livro escrito por estudantes desta modalidade a ser apresentado no Salão do Livro. Em 2010, fui convidada para escrever cadernos pedagógicos de História na Secretaria Municipal de Educação, porém me coube a supervisão dos escritos pelos meus colegas. Em 2011, assumi a Sala de Leitura na E. M. Antenor Nascentes. Participei de seleções onde tive poesias escritas por mim e por meus alunos, premiadas com publicações por, pelo menos, três anos. Ganhei um concurso de relatos e resenhas críticas de livros da Biblioteca do Professor. Também compus uma canção em homenagem a Coordenadora Regional de Educação, Rejane Faria, brilhantemente defendida na voz de uma aluna na Câmara de Vereadores do Rio. Em maio de 2014, recebi a honra de ter meu nome na sala de Leitura da E.M. Antenor Nascentes, corroborado com a assinatura dos meus colegas de trabalho. A Câmara Municipal do Rio de Janeiro me concedeu em 2016, uma moção de Congratulação e Louvor por reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Cidade do Rio de Janeiro. (RELATO – L.16 – 32)

A liderança de Ilka no ambiente escolar também se refletia no ambiente religioso, embora contemplasse aspectos distintos, que coexistiam em ambientes tão diferentes.

Para além das atividades desenvolvidas na sala de leitura, Ilka era considerada uma espécie de conselheira e era redatora dos documentos oficiais da escola sendo consultada pela equipe gestora, antes das tomadas de decisão. A sua opinião sempre foi muito considerada pelo corpo docente. A liderança exercida por aquela mulher, sempre me encantou e me instigou, pois ela extravasava os muros da escola, sendo reconhecida tanto pela secretaria Municipal de Educação, quanto pela comunidade escolar.

4. LEGITIMIDADE DA LIDERANÇA

Ao longo do relato constatou-se definições de liderança sem, no entanto, estar condicionada a um ambiente específico, religioso ou escolar. Dessa forma, percebe-se que a liderança pode ser exercida de maneiras distintas de acordo com o contexto.

A liderança tem início na legitimidade, ou seja, o grupo tem que reconhecer a pessoa como líder. Isso se dá através da capacidade de resolução de problemas que o líder apresenta, do conhecimento sobre os assuntos relevantes para o grupo, pelo trânsito e formas de articulação, pela condução de negociações e a incorporação de ideias que valorizem e estimulem os indivíduos com a finalidade de atingir os objetivos coletivos. O líder deve ser organizado, humilde e ter em mente aonde quer chegar individualmente e coletivamente... Para isso, é necessário, generosidade, conduta ílibada, acolhimento, respeito, força e disposição para enfrentamentos, caso seja preciso. (RELATO – L. 55-63)

Ilka Santos demonstra em seu relato, como percebe o exercício da liderança ressaltando diferenças significativas, que se refletem principalmente na possibilidade de “leitura” de cada pessoa, do seu jeito de ser, da sua história e comportamento, seja no ambiente escolar, seja no religioso. Defende a existência de possibilidades mais profícuas de aproximação dos indivíduos. Tal afirmação encontra suporte na fala de Goleman (2002, apud TELES, 2009) que atribui ao líder, o papel de guia emocional dos grupos.

O que difere do ambiente religioso para o escolar são questões pertinentes a cada ambiente. Gosto de, no ambiente religioso, "ler as pessoas", mais que na escola. Ouvir o que dizem e como agem até decifrá-las e ter uma noção de suas habilidades e desvirtudes. No entanto, é preciso deixar claro que você tem missão espiritual, mas não é Deus e na escola, você sabe mais, por isso é professor, porém não sabe tudo e se mantém aberto a aprendizagem. (RELATO – L. 64-69)

No que se refere ao ambiente escolar, no excerto acima, propõe-se a reflexão acerca do condicionamento da liderança à posição social hierarquicamente estabelecida do professor. Quando Ilka salienta que cabe ao docente aprender sempre, pode-se inferir que essa liderança se legitima no reconhecimento de uma relação dialógica e pautada na aprendizagem contínua de todas as pessoas envolvidas no processo.

5. A IMPORTÂNCIA DE SE RECONHECER NEGRA LÍDER

O relato é composto por um conjunto expressivo de assertivas, que evidenciam a importância do autorreconhecimento de lideranças femininas negras no sentido de, não apenas, ampliar a representatividade, mas também de fortalecer o movimento de reconhecimento da produção cultural e intelectual de mulheres negras ao longo dos anos.

Na sociedade brasileira, ao longo da história temos visto que muitas mulheres negras têm sido apagadas, apesar de terem tido papel relevante. Mas, a intelectualidade feminina negra vem crescendo e se apropriando de espaços acadêmicos, administrativos, exibindo a força de sua representatividade para a sociedade conservadora, machista e racista que se camufla no mito da democracia racial. Desde muito tempo a mulher negra ocupou e ainda ocupa, o mais baixo nível salarial dentro da escala homens (brancos e negros) e mulheres (brancas e negras). São as vítimas mais frequentes de feminicídio. (RELATO – L. 75-81)

Apesar de reconhecer o avanço nas organizações com lideranças femininas negras, Ilka ressalta a importância da continuidade das mais diversas frentes em prol do reconhecimento e dignidade da mulher negra na sociedade brasileira.

Hoje, existem lideranças de mulheres negras organizadas em instituições como a Ong Criola e o Instituto Gelêdes. Assim como existem mais mulheres negras na política. É um começo. Porém, há muitos desafios a vencer. Maior escolaridade, aborto, violência doméstica, autoestima. O trabalho das lideranças fortalece, mas precisamos ainda avançar muito para alcançar o patamar da dignidade que merecem as mulheres negras. As mais abatidas e criminalizadas do país. (RELATO – L. 82-87)

Esta posição é consciente pois não essencializa as mulheres negras como grupo homogêneo. Há que se reconhecer a diversidade inerente à pessoa humana, à historicidade de cada mulher negra e logicamente a luta coletiva contra o racismo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve como objetivo apresentar características relacionadas à liderança feminina negra, a partir da análise do relato de Ilka Valéria, historiadora, professora aposentada, poetisa e mãe de santo, bem como proporcionar reflexão acerca do papel da família na formação dessas características. Outro aspecto abordado no texto foi o exercício da liderança no ambiente escolar e religioso, enaltecendo aproximações e distanciamentos, a partir da análise do relato em consonância com a literatura. As ações de Ilka Santos propiciam interfaces dos campos da Educação, da Comunicação, Cultura e *Advocacy*.

O texto buscou evidenciar aspectos da liderança de uma mulher negra, porta-voz de sua própria história. Identificou as características de liderança emanadas do relato de Ilka Valéria refletindo sobre o protagonismo educador evidente nas práticas de transmissão de conhecimento, que tem provocado mudança de comportamento e atitudes das pessoas com as quais convive e se relaciona, tanto na família, quanto nos espaços da escola e do terreiro.

A discussão proposta neste trabalho pode contribuir para com o rompimento de estereótipos, que envolvem o papel da mulher negra na sociedade brasileira. Propõe (re)pensarmos o domínio histórico dos homens brancos, a despeito do protagonismo das populações negroafricanas e afro-brasileiras, que sob o escravismo construíram o Brasil.

A narrativa constituiu-se em representação de resistência, significando o oposto do previsto e amplamente difundido pelas classes hegemônicas. E, neste sentido, a “resistência” não deve ser compreendida apenas como reação a situações difíceis, resiliência extrema, sofrimento. Concebemos a resistência também como espaço da manifestação do

conhecimento, do prazer, da gargalhada, da arte, da poesia e do saber ancestral adquirido no espaço sagrado do terreiro de candomblé.

As escolhas de Ilka Santos favorecem a compreensão sobre o exercício da liderança em instâncias paradoxais, repletas de subjetividades, mas culturalmente relevantes para o estabelecimento das tessituras sociais. O peculiar, neste fato, é a convivência de experiências que demandam práticas educativas em sua concepção crítica, em tempos de intolerância recorrente contra religiões de matriz africana em diferentes municípios do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ATLAS da violência 2017. CERQUEIRA, D.; LIMA, R.S.; BUENO, S.; VALENCIA, L.I.; HANASHIRO, I.; MACHADO, P.H.G.; LIMA, A.S. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. IPEA, Rio de Janeiro, 2017.
https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf

BAIROS, L. Lembrando Lélia Gonzalez. *Revista Afro-Ásia*, n. 23, p. 1-21, 2000. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990/13591> Acesso em 05 de janeiro de 2020.

COLLINS, P.H. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n. 1, p. 99-127 jan./abr., 2016.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p.171-188, 2002.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: XI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA/II SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso em 18 de setembro de 2019.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIBARDONI, M. Fundamentos teóricos e visão estratégica da advocacy. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 167-9, 2000.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11936>

LIGHTFOOT, S.L. Reflections on Portraiture: A Dialogue Between Art and Science. *Qualitative Inquiry*, v. 11, n. 1, p. 3-15, 2005.

MALACHIAS, R. Mimimi? Não. Desigualdades, vulnerabilidades, corpo e comunicação. In: PRATA, N.; PESSOA, S.C. (Org.). *Desigualdades, Gêneros e Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2019. p.147-159.

MALACHIAS, R. Mulheres líderes em Educação. Da Baixada Fluminense para o mundo. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 18, n. 3, p. 13-27, 2018.
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/14553>

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

VALDINA, M. Saberes e Viveres de Mulher Negra: Makota Valdina. [Entrevista concedida a] Ubiratan Castro de Araújo. *Revista Palmares*, p. 75-83, 2005.
<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i75.pdf>

SANTAMARIA, L.J.; JARAMILLO, N.E. Comadres among Us: The Power of Artists as Informal Mentors for Women of Color in Academe. *Mentoring & Tutoring: Partnership in Learning*, v. 22, n. 4, p. 316-337, 2004.

SILVA, F. G. A.; MILITÃO, M. L.; GRANGEIRO, R. R. Mulheres em cargos de liderança: uma análise a partir do filme o diabo veste prada. *Conhecimento Interativo*, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2019.

SILVA, J; EUCLIDES, MS. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). *Educar em Revista*, v. 34, n. 70, p. 51-66, jul./ago. 2018.
<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-51.pdf>

TELES, F.M. Liderança escolar no feminino. 2009. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências da Educação / Universidade da Madeira. Funchal, 2009.

XAVIER, G - Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo, por mulheres negras contando sua própria história. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2019.